



**LUIZ DE PINA**

Professor da Faculdade de Medicina  
Director do Instituto de Criminologia  
Pôrto

# ANTÓNIO VIEIRA E OS MÉDICOS NO SERMÃO DE SÃO LUCAS

---

Conferência lida na Sociedade Martins Sarmento  
na noite festiva do IV Centenário da Companhia de  
Jesus em Portugal, 2.<sup>a</sup>-feira de Pascoela de 1941.



GUIMARÃES  
Tip. Minerva Vimaranesse  
1941

RC  
MNCT  
61  
PIN



ANTÓNIO VIEIRA E OS MÉDICOS  
NO SERMÃO DE SÃO LUCAS

**ANTÓNIO VIEIRA E OS MÉDICOS  
NO SERMÃO DE SÃO LUCAS**

ANTONIO VIEIRA E OS MEDOS  
DE SERRA DE SÃO LUCAS

---

Separata da «REVISTA DE GVIMARÃES»  
(Vol. LI — 1941)

LUIZ DE PINA

Professor da Faculdade de Medicina.  
Director do Instituto de Criminologia  
Pôrto

# ANTÓNIO VIEIRA E OS MÉDICOS NO SERMÃO DE SÃO LUCAS

Conferência lida na Sociedade Martins Sarmento  
na noite festiva do IV Centenário da Companhia de  
Jesus em Portugal, 2.ª-feira de Pascoela de 1941.



RC  
MCI  
61  
PIN

GUIMARÃES

Tip. Minerva Vimaranesense

1941



*Não é o homem um mundo pequeno,  
que está dentro do mundo grande, mas é um  
mundo, e são muitos mundos grandes, que  
estão dentro do pequeno.*

Vieira — *Sermão de São Roque*. 1657.

Senhor Presidente,  
Minhas Senhoras,  
Meus Senhores:

Alguém um dia asseverou, profundíssimamente, que nem sempre a fuga nas lutas é derrota, mas vitória indiscutível. Poderá isto parecer duro ou muito agro no tímpano vibrátil dum ou outro auditor desta assembléia festiva. Contudo, tenho para mim que não há aí ânimo capaz de comentar êste exórdio como cousa mingudadamente ortodoxa no tocante a regras da boa velha cavalaria andante ou do catecismo da honra dos homens.

E' que, minhas Senhoras e meus Senhores, nem tôdas as vitórias são glórias, nem tôdas as derrotas são vergonhas. Eu lembro, entre mais vitórias que as fugas trazem, essas do amor, no dito já célebre dum hiper-ambicioso cabo de guerra gaulês. E outras sentenças, e outros conceitos similares poderia coleccionar agora, se não temesse a escassez do tempo e o enfado dos ouvintes. Quero dizer na minha que nestas aperturas eu estaria já inscrito na ementa gloriosa dos vencedores se tivesse desamparado a tarefa de

colaborar em festa solene, tão cristã e tão portuguesa como esta.

Que glória a minha se à carta mandadeira do amigo bom e certo dêste burgo eu tivesse respondido com a epístola conhecidamente banal duma polida negativa!

E ora aí está como deslogrei mais uma conjuntura que me servia jeitosamente de escaleira à galeria dos heróis. Não fugi, perdi! Eis-me vencido, bem vencido, esnocado em pés e mãos, rôta a lança do combate, malferida a fama de combatente e leso o ânimo. Aqui me tendes, tal e qual, miseramente derrotado. E, todavia, eu creio que não haverá aí peito que me brade um *vae victis* clangoroso, antes acolha o afortunado com a mais evangélica das piedades no ponto final do ajuste de contas.

Eu confesso que não tive culpa, eu confesso que perdi de boa fé. ¿Que mais exigirá êste tribunal pleno para lançar no papel sentenciador o indulto do argüido?

Não desvendarei, públicamente, o chamadoiro bem conhecido do amigo que me deitou a perder; tampouco assestarei meu indicador defensivo em sua pessoa, que hoje aqui se assenta entre nós e que sempre está em meu coração.

A mim, sobeja-me pejo que tinja meu semblante todo; mas, a êle, há-de lanhá-lo *ad perpetuam* o remorso do mal que me fez e do mal que vos fez, a todos que ides ouvir-me. Graças a Deus, para mim, para vós e para êle, outras compensações, as melhores e maiores, vo-las dará a festa desta noite. Eu não passo, aqui, de obscuro figurante sem graça e sem resplendor. Esta ideia, ao menos, consola-me um pouquinho. Os mais, que ides ouvir, é que enchem tôda a festa. Eu serei, apenas, no rosário dos luzeiros que vão brilhar esta noite, o morrão mortiço e fumento duma candeia sem óleo ou bugia ressequida!

Minhas Senhoras, meus Senhores:

Nado e criado em terras que não são do têrmo vimaranense, eu não sou daqui e sou daqui. Paradoxal inferência a minha, porém certa e o menos para-

doxal possível. Bem pode ser que a não entendam uns e que mal a entendam outros. A verdade é que esta vossa terra, não minha, é tão minha como vossa: — primeiro, porque somos todos portugueses; segundo, porque é terra e berço de avós e de pais meus que, semelhantemente a ramo de árvore transplantado, aqui gerou novas franças e enfolhou rebentos novos. Aqui se entroncou, vai passante de oitenta anos, um dos mais directos avós emigrado de torrão beirense, bem do meio da nossa Beira, de entre o Mondego e o Vouga e as altas serras do coração de Portugal. E êste burgo formoso e amigo, onde já outros seus avós muito velhos assentaram casa; êste burgo nobre, a trinta e oito léguas do seu berço nas terras visenses, o acolheu gasalhoso.

Sempre agradecido, o exilado moço de há oitenta anos ei-lo que nõ trabalho duro recomeça outra vida e restaura o sangue da família velha, agora mesclado de seiva minhota e beiroa, sangue que honrosissimamente me sustenta a vida que tôda consagro à sua heróica e mesma emprêsa de restauração, que é tôda uma conquista da vontade, de incomensurável labor, sob a protecção augusta e indispensabilíssima de Deus!

Por isso, minhas Senhoras e meus Senhores, eu sou daqui não sendo daqui. Noutra terra portuguesa vi a luz do mundo pela primeira vez: mas a luz do mundo é bem tôda a pequena luz da nossa Pátria e tôda a Pátria esplende na pequena luz que ilumina o torrão em que se nasce! Mas raro é êste nossa verdadeira terra. Esta, sim, há-de ser, dentro da mesma Pátria, a em que nos criamos e educamos; em que ganhamos o pão de cada dia; em que nos fazemos homens; em que se confecciona a nossa personalidade psíquica e moral.

Essa, sim, que é a nossa terra. A do nascimento é, tanta vez, apenas um factõ de acaso, um acidente da vida de família.

Debaixo dêste teto que cobre uma das casas mais insignes e ilustres de Portugal; debaixo destas telhas que guardam das chuvas e dos sóis o preciosíssimo recheio bibliográfico e arqueológico de um dos mais notáveis Museus da Península; entre estas paredes

abençoadas que circundam todo um tesoiro eu posso dizer que comecei a viver a minha vida do espírito!

E como me sabe bem e consola dizê-lo hoje, de frente de tantos filhos da formosa terra de Mumadona, de São Dâmaso, do 1.º Afonso, de Gil Vicente, talvez; do Abade de Tâgilde, de Alberto Sampaio e de João de Meira, de Moreira de Sá e de Martins Sarmiento!

O que eu devo ao agasalho, calor e amor desta casa nobre, desta academia e pequenina universidade minhota!

Ben moço ainda, por estas salas comecei a gastar meus dias feriados e, quanta vez, não feriados; sequioso de saber, estonteado entre tantas riquezas de livros e de objectos. Estudei o que pude e quanto pude: desde os velhos papéis da insigne Colegiada às pedras e vèlhices do Museu, neste sobrado, e lá em baixo, sob as arcarias do jardim.

E foi assim que, insulado e alheio do mundo, entesorei riquezas sem conta, que são os melhores pilares do poucochinho que ainda sei e a fonte de tudo o que, em letra redonda, tenho dado e darei à vossa terra madre!

A casa de Sarmiento, em que falo hoje, foi-me pródiga mãe da adolescência inquieta e sôfrega nas e das cousas do espírito.

Assim, ao falar, a primeira vez, dentro destas recâmaras, eu reverto-me aos tempos em que passava aqui meus dias quási inteiramente, no silêncio, na paz e no estudo.

Hoje, paz e silêncio são cousas inegozáveis no meio do século XX, o século das luzes que, por sê-lo, corre em confusão de sombras. Onde não brilha luz as sombras não aparecem.

Paz e silêncio, lá se foram com a adolescência despreocupada: a luta pela vida não pode fazer-se calado, nem quieto. Mas o hábito do estudo, sim, êsse ficou, ficou até que Deus me cerre os olhos. E' no estudo que caldeio a vida e restauro fôrças de alma e inteligência, ao barulho das rodas dentadas da máquina giradora do Mundo.

Estudar sempre, para mais se saber que cada vez se sabe menos: menos das cousas e menos dos ho-

mens. Não sei qual das ignorâncias seja melhor, se é que não são ambas de duas más!

\*

\* \* \*

O exórdio dilatei-o por querer: — não para cumprir regras de estilo sermonário, senão com o fito de ganhar ânimo para o discurso, assim a modos de quem enche fartamente os pulmões, antes dum profundo mergulho.

#### Minhas Senhoras e meus Senhores:

De há muito que a missão da Companhia de Jesus no Mundo, tarefa sobrehumana que o germânico Ludwig Marcuse tão fundamente gravou nas laudas do *Inácio de Loiola, ditador das almas*; de há muito que a empresa terrena da Companhia de Jesus se me revelou ampla e claríssimamente aos meus olhos e ao meu entendimento de humílmo pecador. De tal sorte, que eu hoje não posso mesmo compreender o mundo espiritual sem a sua íntima interferência. Nós, homens de Portugal, irrequietos e maldizentes, indisciplinados e inconstantes, nunca podemos entender com largueza o sistema ético da Companhia de Jesus.

Hierática, grave e disciplinada na luta, a Milícia da Companhia é um exemplo do que podem a obediência, a renúncia e a humildade. Razão tem Marcuse: — «talvez ainda possa vir a servir de modelo a uma nova escola de almas».

A grande idéa mobilizadora, reformadora e aproveitadeira, de Inácio de Loiola, Marcuse a comenta dêste teor:

— «Uma ideia, por melhor que se seja, de nada vale se não for tão indispensável a quem a possui como os olhos e os ouvidos».

Essa indispensabilidade é o eixo da roda jesuíta, no século XVI, como em nosso século XX.

Em pleno Renascimento a Companhia de Jesus surge em Portugal, para completar a obra de colonização portuguesa, dentro e fora de fronteiras europeias. As duas empresas são inseparáveis e similares: por

terras de África e Ásia e Oceânia e Brasil os sangues das Companhias de soldados e dos missionários da Companhia vertem-se nas mesmas lutas e encharcam os mesmos chãos, nos mártiros de todos os dias.

Desde 1540 Portugal gasalhou os Padres jesuítas. E logo em 1541 o grande Francisco Xavier vai conquistar o II Império Português Ultramarino, êsse para glória de Deus e honra de Portugal.

São os dois sucessos históricos maiores do nosso Renascimento Social: um, a Conquista e colonização do Império Português; outro, a fundação da Companhia de Jesus. Por isso eu não posso recordar-me do herói Afonso de Albuquerque, soldado e educador, sem que não veja erecto a seu lado o santo Francisco Xavier, padre e reformador, ambos conquistadores do mesmo Império e imperadores das mesmas conquistas.

Disse na sua *Historia* essoutro estudioso filho dilectíssimo desta terra de Guimarães, Alfredo Pimenta (1), quando fala da Companhia de Santo Inácio:

— «São missionários, são professores, são homens de ciência. Prêgam, ensinam e aprendem, para voltar a ensinar. De tôdas as Ordens católicas é a mais universalista, sob o ponto de vista da sua acção. Ciências especulativas e ciências utilitárias, Universidades e oficinas, escolas primárias e escolas de catequese — tudo lhe serve para campo de actividade.

No Oriente, vai até ao Tibet, até à Mongólia, até ao Japão. Ao romper do século XVII, está em Madagáscar, andando já na costa oriental da África, desde 1560. No Brasil, entram em Abril de 1549, com o Padre Manuel Nóbrega. O governador Tomé de Sousa marca o lugar onde se há-de erguer a cidade de S. Salvador da Baía: os jesuítas que o acompanham são pedreiros, cabouqueiros, carpinteiros, e por suas próprias mãos edificam a sua casa e a sua igreja.

Como os mais hábeis diplomatas, a sua primeira preocupação onde chegam é aprender a língua da terra.

---

(1) Alfredo Pimenta — *Elementos de História de Portugal*. Lisboa, 1934.

No Oriente, no Brasil, na África — êles não descansam enquanto se não fazem entender na linguagem dos que querem cativar».

Já o Senhor de Chateaubriand anotara essa feição universalista da Companhia, quando escreve (1):

— «A ilustrada educação do jesuíta era-lhe mais uma vantagem sôbre o viajante ordinário. Os superiores exigiam muitas distinções aos discípulos que se destinavam às missões. Para o Levante era preciso saber grego, cofta, árabe, turco, e possuir alguns conhecimentos em medicina; para a Índia e China queriam-se astrónomos, matemáticos, geógrafos e mecânicos; aos naturalistas era reservada a América».

E, santo Deus, o que não fizeram os Padres da Companhia por êsse Mundo fora, mundo nosso, mundo da expansão portuguesa por todos os continentes do planeta! Sem falar no que laboravam cá dentro das raías, leia-se o que narram êsses seus grandes e honrados cronistas P.<sup>es</sup> Francisco Rodrigues (2) e Serafim Leite (3).

Em estudo que já fez cinco anos, eu muito me rejubilei no arrolamento brilhante de tantas dessas glórias da Companhia pelas terras feraces da Ciência (4), matemáticas, Ciências-Naturais e Físico-Químicas, Antropologia, Etnografia e Medicina.

Não há leira científica em que não picasse, fundo ou leve, o bico da enxada jesuítica.

Eu não quero arredar-me do campo onde possa mais afoitamente lavrar: por isso não toco nas benfeitorias da Companhia em estudos filosóficos, tão bem comentadas pelo ilustre Padre da mesma aqui presente, Domingos Maurício; nos estudos lingüísticos, teológicos e tantos mais. Não precisaria de

(1) Chateaubriand — *O Gênio do Cristianismo*. Trad. de Camilo Castelo Branco, rev. por Augusto Soromenho. Pôrto, 1864.

(2) Francisco Rodrigues — *A formação intelectual do jesuíta*. Pôrto, 1917.

(3) Serafim Leite — *História da Companhia de Jesus no Brasil*. Lisboa, 1938.

(4) Luís de Pina — *Os Homens da Igreja na Ciência Nacional*. «Brotéria», Lisboa, 1936.

desbordar as extremas da beleza das Ciências, se pretendesse expor algumas das maiores glórias dos nossos Padres Jesuítas. Em vários lugares, verbalmente ou por escrito, muitos autores e mais pobremente eu já demos notícia do principal. Por isso se recordaram nomes de altas escaleiras como os dos Padres Anchieta e Nóbrega, Fernão Cardim e Manuel Barradas, Luís de Almeida e Álvaro Tomás, Manuel Dias, Gaspar Afonso, e tantos, tantos mais.

E cá temos, no rol, essoutro nome de António Vieira, maior entre os maiores, que para as Ciências-Naturais da terra brasileira carreou achegas que não podemos rejeitar e a que já aludiu o Prof. Hernâni Cidade por estas palavras <sup>(1)</sup>:

— “A correspondência de Vieira por êste tempo insere algumas das mais belas e fortes páginas da obra que nos legou. Abrasa-as um fervor de actividade religiosa que os séculos não têm esfriado, ao mesmo tempo que nelas palpita uma curiosidade naturalista que intercala, em meio das *flores retóricas* da literatura do tempo, maravilhosos trechos do sertão e da selva, em que se desoprimem e respiram fundo os pulmões...”.

António Vieira, insigníssimo prègador; António Vieira, psicólogo arguto e astuto; António Vieira, patriota da mais fina cepa; António Vieira, educador; António Vieira, mestre da língua portuguesa; António Vieira, missionário! Seis Antónios Vieiras num só homem, seis faculdades, habilidades e inclinações nesse prègador da palavra de Deus!

E é êste Padre que há-de dar-me hoje a graça do mais particular argumento desta oração festiva. Ah!, santo Deus, se fôsse só isso! Mas é que eu vou des-temidamente mais longe, pois alço o ousio ao comentário de um dos sermões do Mestre, nada menos que o do Evangelista São Lucas, padroeiro dos Médicos, prègado em dia da sua festa, 18 de Outubro.

Que a misericórdia do Santo e a memória illustre

---

(1) Hernâni Cidade — *Padre António Vieira. Estudo biográfico e crítico*. Vol. I. Ed. da Agência Geral das Colónias. Lisboa, 1940.

do seu panegirista me valham no dobrar dêste cabo onde tantos adamastores intendem comigo a conturbar-me o ânimo e a terrificar-me a pênna.

\*

\* \* \*

### Minhas Senhoras e meus Senhores:

Não sei bem desde quando é que a humanidade diz mal dos médicos: por certo desde o princípio do mundo! Umaz vezes, com razão; outras vezes, sem ella, e muito desacertadamente. Mas, com razões ou sem razões, a verdade é que o pobre mundo precisa dêles e êles do mundo.

Sem embargo, vêde como os maldizentes que lanceiam os médicos são também lanceados por si próprios. Eu explico: diz-se, e é bem verdade, que *de médico e de louco todos temos um pouco*. Ora agora o argumento finamente: como V. Ex.<sup>as</sup> todos são médicos, como eu e outros galenos que neste salão se encontram, vêde que dizeis mal de vós mesmos, quando vos deitais a dizer mal de nós.

Quere dizer: — andamos todos a falar mal uns dos outros, o que aliás não espanta, porque o vício é profundo, interno e puríssimamente português. Mas como uma das mais exigidas qualidades do médico há-de ser a paciência, não nos escasseia ella em frente da má língua de V. Ex.<sup>as</sup>, meus muito prezados colegas. Por outro lado, Deus manda perdoar as injúrias: e não há aí profissional, mecânico ou artista, que seja mais cristão do que nós, os médicos.

O dizer mal dos médicos e da Medicina, vinha eu dizendo, toca em antiguidade a do primeiro doente que houve na terra. Depois dêsse, muitos milhões e milhões de enfermos a morte disputou aos médicos, que os venceu a todos, illustres ou pouco sábios.

Grandes defensores nossos se têm levantado a bradar contra os murmuradores, sejam êles Gil Vicente ou Molière, António José da Silva, Cavaleiro da Oliveira, Barbosa du Bocage ou anónimos fazedores de anedotas em página derradeira de gazeta ou lauda

inocente de almanaques, folhinhas e quejandas espécies da arte gráfica.

Grandes defensores nos vão aparecendo por aí, graças a Deus. Uns, da classe, outros de fora da classe. Quanto aos acusadores, peiem aí suas desbocadas fúrias os de fora, em frente daqueles que dentro da confraria são os primeiros a prègar moralidade, a assentar as estacas a que há-de arrimar-se a ética de todos os médicos. Neste grupo de sermonistas posso apontar-vos os Drs. Henrique Jorge Henriques e Rodrigo de Castro, do século XVI, como os mais antigos. E dêles para cá, muitos outros, atarefados na mesma emprêsa purificadora: Zacuto Lusitano, no século XVII, Brás Luís de Abreu e Manuel de Azevedo no século XVIII; um Sousa Martins no século XIX; um Cândido na Cruz no nosso século!

Se entre nós, os médicos, pincham alguns demónios, grandes ou pequenos, também resplandecem bem-aventurados como êsses, e até santos, como São Pantaleão, São Cosme, São Damião e São Lucas, afora outros, do vasto agiológio cristão, mártires das folhinhas: São Leôncio, São Carpóforo, São Diómedes, etc.

Ora no fragor dêste prélio negro em que uns contendores atacam a Medicina e outros a defendem, aparece, cheio de fôrça e de graça, um insigne medianeiro nas hostes interventoras, o grande Padre António Vieira, com seu pendão alçado, brilhante e apaziguador, o *Sermão de São Lucas* (1). E a São Lucas e a Vieira é que vou rogar, nesta noite, elementos novos de defesa dos médicos, de par com outros censores, merecidos todos.

Bom será saberem os que me ouvem que os médicos estão sujeitos a rigorosos preceitos de vida profissional e que os codificou um *Compromisso Deontológico*, de 6 de Agosto de 1939, que diz, logo na entrada (2):

— «A profissão médica, pela complexidade, responsabilidade, elevação e subtilidade das suas funções,

(1) O texto que sigo é o da edição dos *Sermões*, de 1908, Pôrto. Vol. VIII.

(2) «Boletim da Ordem dos Médicos», Ano I, fasc. I. Lisboa, 1939.

requere, para quantos a ela se dedicam, a concessão de especiais direitos a par da imposição de muitos e diferenciados deveres.

A colaboração dos médicos nos múltiplos sectores da vida social; a sua interferência nos problemas vitais da sanidade pública e particular; a diversidade de interesses affectivos, morais e até materiais em que são chamados a intervir nas suas relações com o viver pessoal e familiar dos doentes, e o indispensável respeito e solidariedade que os médicos devem manter entre si, tem de restringir, necessariamente, a sua liberdade individual para não prejudicarem os direitos de outrem, para não comprometerem as utilidades que a sociedade aufere do exercício da Medicina, para não contrariarem os esforços dos que porfiam pelo aperfeiçoamento da sua missão, para não promoverem o descrédito da colectividade de que fazem parte».

O *Compromisso* mencionado, que a *Ordem dos Médicos* aprovou em seu Conselho Geral, pontifica no que toca à moral da classe. Só dela? Não, pois que também bordeja e legisla sôbre as obrigações dos doentes e da Sociedade devidas aos médicos, cousa que não podia deixar de ser tratada em tão magno documento.

Pois, Senhoras e Senhores, o *Sermão de São Lucas*, que o P.<sup>o</sup> António Vieira escreveu e prègou há perto de 300 anos, é um trecho notável, digno de inscrever-se nos trechos da *Deontologia Médica* de qualquer nação do mundo, pois por todo êste estão difusos milhares e milhares de médicos, sujeitos simultaneamente às mesmas regras morais.

O sermão de São Lucas, hoje patrono de todos os médicos e orago da Associação dos Médicos Católicos Portugueses, é uma bela lição de Deontologia Profissional. E tão formosa, que aos meus alunos da Faculdade li já boa parte dela, neste mesmo ano de festa para a Companhia a que pertenceu o eminente prègador.

A três fitos mira meu intento desta noite: um, o de como cristão preitear um padre insigne da Companhia de Jesus: outro, o de como médico exaltar um trecho admirável da prègação de Vieira que intende na Deontologia da classe a que pertence; outro, ain-

da: — consagrar assim, nesta noite de galas para a Companhia de Jesus, o muito que ela trabalhou nas leiras em que nós médicos lavramos, que o mesmo é dizer na cura de enfermos, na relação escrita de muitas cousas médicas, na assistência a doentes, por hospitais e outros lugares de sofrimento humano!

Que digam, de tão alta tarefa jesuítica, os sertões do Brasil, as plagas e selvas de África, as ilhas da Oceânia, as terras estranhas da China e do Japão. Isto para falar somente em Portugal e na era luminosa da Expansão Portuguesa no Mundo.

Quem o afirma? Antes de mais, os factos. Mas as histórias andam cheias de justificações e de comprovações: Serafim Leite bem as arrola na sua obra de há três anos. Escreve o dóuto Padre (1):

— «Os Jesuítas Portuguezes, ao chegarem ao Brasil, viram-se logo a braços com as doenças tropicais, e sem médicos. Para a manutenção da saúde ou sua reintegração, utilizaram naturalmente, por um impulso de defesa e de caridade, os escassos meios que tinham trazido da Europa ou que o país, onde deveriam exercer a sua actividade, lhes oferecia. Vivendo em pleno século XVI, e não sendo a medicina a sua profissão, tinham por fôrça de manter-se dentro da terapêutica empírica e duma profilaxia rudimentar. Evitaram, contudo, o escolho do curandeirismo, pela cultura humanista que possuíam, a mais alta do seu tempo. Tiveram, na verdade, que se premunir sólidamente contra êle. Os Índios, com a sua mentalidade primitiva, exigiam curas maravilhosas, como se na mão dos jesuítas estivesse a vida e a morte. Não se servindo os Padres, um dia, dos remédios de que dispunham, «no curativo de um indivíduo atacado de doença contagiosa, que parecia a lepra», custou a convencer a gente de que era cura superior às suas possibilidades».

E, noutro ponto, exclama (2):

— «Os Jesuítas indo para o Brasil como médicos das almas, viram-se pois, obrigados, pela fôrça das

---

(1) Serafim Leite — *História da Companhia de Jesus no Brasil*, ob. cit. II.

(2) Serafim Leite — Id., id.

circunstâncias, enquanto não vieram profissionais, a ser também médicos do corpo. Intenção de *assistência*, evidente».

Quão ilustres amadores-médicos não foram, por vezes, os bons Padres da Companhia: Fernão Cardim, João Gonçalves, José de Anchieta, Afonso Brás, Gaspar Lourenço. Policlínicos e especialistas, boticários e cirurgiões, tudo foram os pobres missionários.

Com muito orgulho podem os cronistas da Companhia de Jesus subscrever êste trecho do Padre Serafim Leite <sup>(1)</sup>:

— «Lopes Rodrigues, Prof. das Universidades de Belo-Horizonte e Rio de Janeiro, publicou há pouco um volume intitulado *Anchieta e a Medicina*. Condecora-o com os títulos de clínico, cirurgião, higienista, parasitologista, psicoterapeuta, naturalista, ginecólogo, e até parteiro, ainda que não nos parece que êste último título se possa definitivamente sustentar, dado que só consta de dois casos, e neles o Jesuíta não interveio junto da parturiente, mas só com a criança recém-nascida e abandonada. Lopes Rodrigues manteve-se dentro do seu objecto, que era Anchieta, a quem chama *Galeno Jesuítico do Brasil*. Ampliando nós o quadro a todos os Jesuítas, a êles em geral, uns mais outros menos, pertencem aqueles títulos. E àqueles títulos deve juntar-se o de farmacólogos distintos».

¿ Há ou não razões, minhas Senhoras e meus Senhores, para um médico trazer a esta tribuna lembranças de um sermão sôbre Medicina e médicos prègado por um Padre da Companhia de Jesus há perto de 300 anos?

Vieira abre o sermão com esta epígrafe dos livros santos: — *Curate infirmos, et dicite illis: appropinquavit in vos Regnum Dei*, que são palavras de Cristo repetidas por São Lucas. Em linguagem quere dizer o texto latino, aceitando a versão vieirense: *curai os enfermos, e dizei-lhe que é chegado o tempo em que se hão-de abrir as portas do céu, que até agora estiveram fechadas!*

<sup>(1)</sup> Serafim Leite — *Páginas de História do Brasil*. S. Paulo, 1937.

O que quiere dizer isto, o mandar Cristo aos seus discípulos *curar os enfermos*? Vieira o explica:

— «O thema falla da virtude sobrenatural com que os Apostolos e Discipulos de Christo curavam as enfermidades milagrosamente: e o nosso assumpto suppõe, e ha de fallar da sciencia da medicina com que os medicos curam naturalmente, e sem milagre: logo não assenta bem o assumpto sobre o thema, que é o mesmo que tirar os alicerces ao edificio. Respondo que o thema não só falla da medicina sobrenatural, senão tambem da natural: e que os Apostolos, assim como nem sempre fallavam pelas linguas do Espirito Santo, senão tambem pela propria; assim nem sempre curavam sobrenatural e milagrosamente, senão por si, ou por outros, pelos meios e remedios da natureza e da arte».

Ora é bem sabido o que se diz por aí: o padre é cura da alma, e o médico, de corpos. Grande discussão seria a busca de argumentos sobre esta matéria. São Lucas conta que São Paulo tratava como médico da terra a Timóteo, podendo curá-lo sobrenaturalmente; e que São Pedro o mesmo fizera a sua sogra, caída na cama com grandes febres, applicando-lhe somente remédios *naturais e da terra*.

E, já agora, um pequenino alto no discurso, para vos ler como Vieira argumenta com roaz ironia o caso da sogra do santo claviculario:

— «Quanto à sogra de São Pedro, dizia eu noutra ocasião, que ainda em prudência económica e política se podia deixar estar enfêrma só por ser sogra. Uma sogra talvez é melhor estar doente, que sã: porque doente, a mesma doença a tem quieta a um canto da casa; e sã, rara é a que não se contente com menos, que com todos os quatro cantos dela. A mesma palavra *tenebatur*, parece que diz que a doença a tinha ali atada. Mas agora digo, que a deixava São Pedro estar assim, para que ela exercitasse a paciência, e êle a caridade».

A cura de doenças de certas personagem bíblicas por processos naturais andam registadas nos livros e Vieira alude às do rei Ezéquias, à do pai de Tobias e outros. Sabe-se, das Histórias respectivas, que a Medicina dos Hebreus contemporânea de Jesus-Cristo

corresponderia, na época, à do período que decorre entre Hipócrates e Galeno. Tôda sacerdotal, sem escolas profissionais, muito maculada de superstição e magia, por influença da Medicina da Mesopotâmia e do Egito. O *Talmude* e a *Bíblia* são as mais opulentas fontes donde escorre, para o investigador de hoje, a história médica hebraica. Por isso, pedem leitura demorada e atenta o Levítico, o Êxodo, os Salmos, o dos Reis, o Génese, as Crónicas, o de Daniel, os Números, os Provérbios e outros ainda, donde um dos mais conhecidos historiadores médicos, Garrison, extraíu curiosos esclarecimentos (1).

Vieira, como se viu, foi sorver os que apontou no *Eclesiastes*, *Génese* e no de *Isaias*.

Agora, sopesemos estoutro passo do nosso Jesuíta, ainda a respeito do *curate infirmos* e depois de referir que os santos discípulos de Jesus tratavam os doentes com virtudes sobrenaturais e naturais:

— «As palavras do tema dizem, *Curate infirmos*. ¿E porque não disse o Senhor, cujas elas são, *sanate*, senão *curate*? ¿Porque não disse, *sarai*, senão *curai*? Porque o sarar, que tem por efeito passar de repente da enfermidade à saúde, é só de virtude sobrenatural e milagrosa: por isso dos que tocavam o corpo, ou vestiduras de Cristo, não se diz que os curava a sua virtude, senão que os sarava».

Ora, minhas Senhoras e meus Senhores, cirurgião insigne viu a França no século XVI, Ambrósio Pareu, reformador da sua arte no Renascimento, que dizia do seu doente: *Je le pensay, Dieu le guérit* que, por mais escasso número de palavras, quere dizer o que Vieira explicou agora mesmo: *eu tratava-o, Deus o curou* — .

¿E quem não há-de lembrar-se, também, da grande cópia de santos da Côrte de Deus de quem o Povo fez médicos ou curandeiros, como Santa Luzia, para os males dos olhos, São Vicente, para a variola, São Libório, para a pedra da bexiga, São Nicolau, bispo, para os casados serem fecundos e tantos mais, como

---

(1) Fielding H. Garrison — *Introducción a la Historia de la Medicina*. Trad. espanhola de Garcia del Real. Madrid, 1921.

bem poderia e mais largamente contar-vos o vosso etnógrafo que me está a ouvir, o caro Alberto Braga? (1)

Eu não devo ir além dêste ponto sem vos lembrar que outro homem da Igreja, lente da Escritura na Universidade de Coimbra, o jerónimo Frei Heitor Pinto, patriota como Vieira e mestre da nossa língua, como êle, do século XVI, escreveu àcêrca dos médicos e da Medicina um precioso capítulo, que não há-de ficar aqui no limbo. E por mais uma razão: é que Heitor Pinto estudou ali mesmo também, no vosso convento da Costa, onde hoje estanceiam os Padres da Companhia de Jesus.

Pois o nosso frade jerónimo, na sua deliciosa *Imagem da vida cristã* (2), floreteia argumentos decisivos entre o jurista e o negociante que lhe maltratavam a Medicina, em favor da Jurisprudência, apontando o exemplo do mesmo São Lucas e as curas por processos naturais usadas por São Paulo em Timóteo, pelo próprio Lucas e por Cristo em muitos doentes, não sem alçar Galeno a príncipe dos médicos, Galeno que até ao século XVIII foi corifeu do ensino da Medicina na nossa Universidade de Coimbra.

Frei Heitor, às primeiras arremetidas dos contendores, passa logo a dizer:

— «Quando começastes a falar contra os médicos, tive para mim que era zombaria: mas agora que vejo que não zombais, parece-me que será êrro não responder ao vosso».

E o bom e ilustre fradinho jerónimo lançava da sua aljava de guerra estas setas agudas contra os homens das leis, sujeitos também muito censurados e mal-feridos da crítica popular:

— «Vemos que muitos dos legistas se aproveitam mais de seu estudo para esgaravatar demandas, e destruir fazendas, que para proveito da república. As suas leis são tão débiles, que muitas vezes não prendem aos ricos e poderosos, senão aos pobres e fracos. Donde

(1) Vid. Luís de Pina — *Medicina popular segundo a tradição de Guimarães. Os Santos Curandeiros*. «Revista Lusitana», vol. XXIV. Pôrto, 1927.

(2) Frei Heitor Pinto — *Imagem da vida cristã*, in «Colecção de Clássicos Sá da Costa». Vol. III. Lisboa.

veio Anacáris a compará-las a teias de aranha, que retêm as môscas, e outros animais pequenos: mas os grandes as rompem e traspassam».

E para justificar seu assêrto duro, exclama:

— «Para que é mais senão que o vosso rei D. Pedro de Portugal, a que os Portugueses chamais o justo, sabendo que os advogados prolongavam as demandas, mandou que os não houvesse no seu reino. Assim o li na sua crónica que o conta por cousa certíssima. E, pois que os médicos curam os homens, e os legistas lhe fazem gastar suas fazendas, claro está quão úteis e excelentes são os uns que os outros».

Como vêdes, juntem-se aos mártires médicos os advogados mártires. Os legistas que me escutam saibam perdoar a Frei Heitor Pinto a sua carga cerrada, pois era em legítima defêsa. E esta é uma valiosíssima atenuante nos delitos, diz-me dali o Código Penal e sabem-no òptimamente os almejados juristas.

Retorno ao ponto de paragem. Vieira, para louvar a Medicina, compara-a à segunda árvore da vida do Paraíso Terreal, plantada fora dêle por Deus poderoso. E que fêz mais o Senhor? O prêgador diz que entregou «a guarda dela a outro Querubim, não armado de fogo, senão de luz, o qual não só defendesse, mas cultivasse a mesma árvore, e com os seus frutos recuperasse aos homens a saúde e lhes acrescentasse a vida. ¿E que árvore, e que Querubim foram estas? A árvore foi a ciência da medicina, e o Querubim é o médico. Não é isto invento ou consideração minha, senão verdade de fé, e texto expresso da Sagrada Escritura».

Nem mais, nem menos: para Vieira, o médico é um querubim, de guarda à segunda árvore da vida do Paraíso Terreal. Este argumento jâmais o esperaram os censores cruéis da Medicina e dos médicos. «Tôda a Medicina é obra sua», diz o texto alegado pelo nosso Jesuíta.

E agora, tomemos dali, outra vez, a *Imagem*, de Frei Heitor Pinto. Aí, os contendores do médico, figurante na cena, lanceiam dêste teor o infeliz:

— «Onde há mais médicos, aí há mais doentes, e de maravilha concertam uns com os outros: até ao inventor de sua própria arte variam. Parece-me segundo meu fraco júizo que a Medicina é invenção nova».

Quão diferente conceito êsse. Os textos bíblicos dão-lhe nascedouro divino, a ela Medicina: Deus a criou. Mas vem o negociante da mesma cena e rejura do lado que não, que nem os médicos sabem como e quando ela nasceu! O jurista apoia o negociante no lance e vá de lhe dizer também que, no tempo dos homens se governarem mais por razão, que por opinião «ainda que usassem de medicina, não usavam de médicos: e as mēzinhas eram simples e sem misturas, e uns remédios comuns e proveitosos. Lembra-me que li num autor moderno que nunca houvera físico que fôsse insigne por curas que fizesse, salvo por opinião da gente ignorante. Médicos, parece-me que são como estátuas grandes de metal, que de fora mostram gravidade, e um vulto, que promete ciência de grandes cousas, mas elas são insensíveis e vãs de dentro».

O jurista, depois de boas e sensatas razões do médico, passa a carregar mais na lanceta que há-de picar bem fundo e diz, a propósito da antiguidade da Medicina:

— «Esta não negamos ser antiga: a que nós dizemos que é invenção nova é a que se usa neste tempo de misturas, e composturas, e várias diferenças, e cousas estranhas e perigosas. E os que usam delas, e deixam as medicinas simples e conhecidas, comparo eu aos que admitem em suas cidades os estrangeiros, de que não têm experiência, e lançam fora delas os bons naturais, que as conservam. Ao que dizeis que houve físicos insignes digo que é verdade, mas curavam com cousas leves e provadas, e com bom regimento, muito diferente dos de agora».

O censor insurgia-se contra as complicações terapêuticas do tempo, que era o século XVI, pugnando pela medicina simples. Aquêlê jurista do Renascimento bem se me vai a parecer com os sensatos médicos neo-hipocráticos contemporâneos, rebeldes contra a complicação da arte médica.

Mas, prossigo com o texto do nosso Jesuíta, que também mete sua opinião de permeio:

— «O jurista, para dar ou tirar a vida a um homem, vê as leis, e vê os autos: o médico vê as leis, mas dos autos não se lhe dá vista».

Noutro ponto, António Vieira mexe em assunto

sobejamente melindroso, qual seja o dos ganhos dos médicos. Eu estive para aspar do discurso êste caso, se não fôra a minha consciência, delegada da de todos os colegas, obrigar-me a não o calar. E é que não calo, porque antes de mais nada a verdade. Tentemos galgar o Rubicão.

Interpreta Vieira os textos dizendo que os discípulos de Cristo que vão a curar os enfermos não levam bôlsa, nem dinheiro. E comenta:

— «O fim que ordinariamente leva às universidades os candidatos da ciência médica, é aquela promessa vulgar do seu Galeno, *Dat Galenos opes*. A Teologia e S. Tomás, promete dignidades eclesiásticas; a jurisprudência e Justiniano, honras seculares; a medicina e Galeno, riquezas».

Padre António Vieira conta dessoutro varão justo a quem o povo quis levantar por governador, segundo escritos de Isaías. Mas o justo varão retorquiu, sensatamente, que não era médico, que não tinha pão em casa. Acha bem Vieira que o homem não aceitasse o lugar, porque «os governos são para fazer bem com o pão próprio, e não para acrescentar os bens com o pão alheio».

E vai daí, prossegue o nosso prêgador:

— «a tôdas as outras ciências ou officios pode faltar o pão, mas ninguém o tem sempre mais seguro que o médico. Como todos somos mortais, só o médico vive do que nós morremos: e tão certo é na medicina o pão, como na mortalidade a doença. Nunca lhe pode faltar ao médico o pão em abundância; porque não há lavoira menos dependente do tempo, ou chova, ou faça sol, que a da medicina. Antes quando a chuva afoga as searas, e o sol as queima, então cresce mais a lavoira dos médicos, porque então lavram mais as enfermidades. As quaresmas dos enfermos são as páscoas dos médicos, e com as dietas de uns, se fazem os banquetes dos outros».

Infanda sorte a dos médicos, que haveriam de trabalhar graciosamente, sem bôlsa, nem dinheiro. Como Vieira, há quem deseje (e essa seria, se possível, a ambição de todos os médicos), que o legislador reduzisse «a medicina à sua natural nobreza; e que os professores dela a não desacreditassem com a fa-

zer venal. A um prègador, dos que tomam a Escritura pela toada, ouvi eu argüir os médicos de se venderem muito caros».

Mas logo o bom prègador da Companhia defende os acusados, e bem, por estas palavras:

— «Pouco conhece a riqueza da saúde, quem cuida que por algum preço pode ser cara, quanto mais caríssima. *Non est census super censum salutis corporis*: diz o Espírito Santo, que não há riqueza no mundo, que se iguale à saúde do corpo. E Platão, fazendo um catálogo dos bens desta vida, e dando por sua ordem o lugar que merece cada um, no primeiro põe a saúde, e no quarto as riquezas: *Primum locum obtinet bona valetudo, quartum opes*. Donde se segue que se o médico der ao enfêrmo a saúde, e o enfêrmo ao médico tôdas as riquezas, menos recebe o médico, que o enfêrmo».

Todavia, vá lá um cristão saber como há-de portar-se obedecendo a regras que Vieira expõe, dêste teor:

— «Sendo pois o objecto da medicina, a saúde do corpo: *Corpus sanandum*, não há dúvida que faria grande injúria à medicina, e à mesma saúde, o médico interesseiro que a quisesse embolsar, e que se lhe pagasse a dinheiro. Porquê? Porque seria pôr preço ao que não tem preço».

O panegirista de São Lucas, então, aponta os exemplos dos médicos São Cosme e São Damião, que jámais receberam paga de seus serviços, e de Hipócrates, o pai da Medicina, que viveu há 2.400 anos. Dos dois primeiros desinteressados santos nada sei; mas de Hipócrates, comparado por Platão a Policleto e a Fídias; o *divino*, como lhe chamava Apolónio; o criador da Deontologia médica, êsse recusara, até, na verdade, copiosas e opulentas prendas que o rei Artaxerxes lhe oferecera, para cuidar dos feridos e doentes das suas hostes.

A saúde não tem preço, diz a filosofia popular. E Vieira escreve também: — «seria grande afronta da mesma saúde apreçá-la, ou pôr-lhe preço, como se ela o tivesse. Isto deviam fazer por própria eleição os professores da Medicina por crédito da sua ciência».

No entanto, que triste a condição humana, e mais triste a do médico, que é homem como os demais, com

suas precisões fisiológicas e sociais, desde o comer ao vestir! Por isso Padre Vieira escreve:

— «Se os médicos pelo uso da sua ciência não hão-de levar dinheiro, quem os há-de sustentar? Respondo que os enfermos, mas não por preço, senão por tributo devido à rainha de tôdas as ciências. Assim o manda o mesmo Deus, que criou a Medicina, naquele Texto: *Honora medicum propter necessitatem*: Honrai o médico pela necessidade, isto é, não só pela necessidade que vós tendes dêle, senão pela que êle tem de vós. E que quer dizer ali aquele *honora*? Quer dizer o mesmo que no quarto mandamento, *Honora patrem tuum*. Em um e outro lugar quer dizer, que os filhos ao pai, e os enfermos ao médico teem obrigação de assistir e servir com a condigna sustentação: *Honora, idest, praebe illi sustentationem condignam*, diz com a comum interpretação, o doutíssimo A. Lapide. E chama-se esta sustentação com grande propriedade, e energia condigna; porque se aos pais devemos o sustento porque nos deram a vida, aos médicos a devemos com o mesmo direito, porque no-la conservam».

Vêde o que diz, a tal respeito, um outro prègador, êste médico do nosso tempo, o Prof. Rocha Brito (1):

— «Sacerdócio! linda palavra, esplêndida coisa. É preciso porém, que a não explorem contra a nossa classe, pois, presta-se a todos os equívocos e mal-entendidos. Para muitos, sacerdócio quere dizer trabalhar de graça, como se o médico fôsse o único ser humano que não carecesse de viver e fazer viver os seus, de gozar um pouco as justas alegrias da vida. Mas, então, o estudante deveria logo, ao matricular-se, estadear o seu documento de filho-família rico: e o critério principal da escolha da carreira seria o do dinheiro! Os que assim pensam esquecem-se, por certo, como já se disse, de que a medicina é uma ciência pura, uma arte desinteressada, mas uma profissão remunerada. Como profissão remunerada o seu exercício deve ser pago: trabalho igual a paga».

---

(1) Maurice de Fleury — *O Médico*. Trad. e prefácio de A. da Rocha Brito. Coimbra, 1937.

E Rocha Brito proclama, acertadíssimamente:

— «Onde está então êsse famigerado sacerdócio com o qual tanto se compraz e se orgulha a medicina em ser comparada, perguntarão. Fácil é a resposta e verdadeira. O dinheiro paga o trabalho, mas não paga a dedicação, o carinho, o espírito de sacrificio, a tenacidade no esfôrço, a perda das melhores horas do nosso tempo, de dia ou de noite, a falta de regularidade das nossas refeições, a prontidão do nosso socorro — a caridade — enfim de que o bom médico faz rodear os seus cuidados clínicos; isso que o dinheiro não paga, é justamente o que se chama o sacerdócio da profissão. Eis a razão porque desde tempos imemoriais o salário médico se designa por um térmo especial: honorários».

Ó meus prezados ouvintes: — como é justa a crítica do professor coimbrão e como a ela se ajusta, tão bem, êste trecho do *juramento médico* do célebre Amato Lusitano, quando diz:

— «quanto a honorários, que se costumam dar aos médicos, também fui sempre parcimonioso no pedir, tendo tratado muita gente com mediana recompensa e muita outra gratuitamente; muitas vezes rejeitei, firmemente, grandes salários, tendo sempre mais em vista que os doentes por minha intervenção recuperassem a saúde, do que tornar-me mais rico pela sua liberalidade ou pelos seus dinheiros».

Hoje, em nossos dias, vêde que são os médicos aqueles dos técnicos que mais ajudam a pobreza, que mais auxiliam o Estado na assistência médica das populações, no serviço dos hospitais e das associações de socorros.

E, todavia, quão mal remunerados andam por aí, quão mingudadamente lhes pagam as públicas repartições que os empregam na assistência médica ou as direcções de Hospitais! Nisso, quanto lhes está devendo o Estado e a Nação!

Velho problema que agora se não debate aqui. Mas para todos os responsáveis eu ofereço o sumo moral das palavras de Amato, de Vieira e de Rocha Brito!

Do sermão de Vieira há aí trecho que muito adoça o nosso brio médico, que nos consola por isentar-nos das culpas no martírio de Jesus. Diz o prègador que

Cristo foi o homem mais perseguido do mundo. ¿E quem foram os seus perseguidores? Vieira diz que os Livros Santos apontam escribas e fariseus. Ora perante o divino poder de Jesus Cristo no tocante a curas de doentes, deviam ter sido os médicos seus apedrejadores e crucificadores. O Nazareno, sarava os estropiados e os leprosos, ressuscitava também os mortos: — ora vêdes aí que não poderia haver maior e mais poderoso médico no mundo ou mais temido concorrente dos galenos do tempo, que ficavam ociosos, com as boticas cerradas, por não terem trabalho!

Pois o nosso grande Padre afirma que os médicos não entraram na chusma dos matadores de Cristo. Èle o afirma e eu e todos nós o cremos facilmente. È que, diz Vieira, a razão era o «desinterêsse dos médicos, senão a sua própria faculdade e ciência, a qual é tão nobre e generosa, que por si mesmo influe, ainda nos casos mais apertados, o desprêzo de todo o interêsse».

Valha-nos, entre mais, êste dulcíssimo conceito de um dos maiores e melhores servidores de Jesus. São estas as maiores consolações que podem abalar sentidamente o coração daqueles que tanto se sacrificam e trabalham na minoração das dores físicas do semelhante!

E que mais prega Vieira quanto à paga dos médicos? Prega grande e alta doutrina noutro passo do seu Sermão de São Lucas, o mais digno, puro e melhor dos médicos do mundo, a excluir que estes não «se sustentarão por onde forem como peregrinos, ou hóspedes, senão como senhores, e como se os celeiros e despensas das cidades, e tudo o que nelas houver, fôsse seu: *Edentes quae apud illos sunt*. E, o que é muito mais, que isto o receberão e lograrão sem se lhes fazer a face vermelha com o pedir; porque tudo sem cuidado, nem diligência sua se lhes porá diante: *Manducate quae apponuntur vobis*».

Minhas Senhoras e meus Senhores:

Bem me está a parecer que vou já longe demais no discurso. E tanto teria que esbagoar o formoso Sermão de São Lucas, para dar-vos todo o amelado

suco que dêle se escoa puríssimamente. Mas tentarei confinar-me ao essencial. Tudo o mais da oração é fina aula de Deontologia.

Quando Vieira alude à ciência com que deve exornar-se o médico para cuidar da vida dos seus semelhantes, aponta como é delicadíssimo o corpo humano, êsse mundo pequeno ou *microcosmo*. Antes de Carrel chamar ao homem «êsse desconhecido», já Vieira alegara com palavras de Tertuliano o mesmo chamadoiro, Tertuliano êsse que dissera ter certo médico feito anatomia em 600 cadáveres, sem entender a fábrica do corpo humano!

Isso, no físico, que quanto ao psíquico o homem é o animal mais incompreensível da Terra!

Ora para tratar dêsse *microcosmo* que é o homem, há-de o médico conhecer-lhe bem a constituição. Ouvi êste trecho que tanto se ajusta às moderníssimas noções que a Medicina divulga nas Escolas, a da *Constitucionalística* ou *Biotipologia médica*:

— «O médico não só há-de conhecer a compleição de um homem, senão de todos os homens, e de tôdas as nações, cujos temperamentos são tão diversos como as côres. E do mesmo modo há-de conhecer as qualidades não só de uma terra, senão de tôdas as terras, nem de uma só água, senão de tôdas as águas, nem de um só ar, senão de todos os ares, e de todos os climas».

Noutro passo, Vieira fala da influência da meteorologia nas curas, por palavras ao tempo aceitáveis. Era a magia médica — feição da Medicina até muito depois do século XVI e, hoje, apenas viva no bernal científico de bruxas e curandeiros.

O nosso prégador lembra Esculápio, deus da Medicina dos gregos e seu fundador <sup>(1)</sup>, diz a História antiga. Esculápio a quem os do tempo consagravam

---

(1) Heitor Pinto alude à criação da Medicina e abordoa-se no mesmo passo das Escrituras a que se apoia Vieira: — «Por onde consta ser a Medicina boa e proveitosa. Para que é mais senão que diz a Divina Escritura no *Eclesiástico*: — «Honra o médico pela necessidade, porque o Altíssimo o criou: de Deus é tôda a Medicina, e do rei receberá mercês: a disciplina do médico o honrará, e em presença dos grandes será louvado.» — (III, 224).

o galo e a serpente, como símbolos, êle da vigilância, ela da prudência e da astúcia, cousas mui necessárias ao bom médico. E lembra, entre mais remédios do tempo, o *mitridático* e a *triaga* ou *teriaga*, drogas em que entram numa mistura assombrosa algumas dezenas de simples que requerem, da parte do médico, estranha habilidade para as combinar e acertar no pêso e na medida.

Ora, por isso, diz Vieira, é que o médico ascende a lugar mais cimeiro e de homem passa a querubim, querubim que significa *plenitudo scientiae*, *plenitudo da ciência!*

Muita ciência, na verdade, haverá que congregar-se no bom médico. Mas é Vieira o primeiro a crer que a um só homem é-lhe vedado saber tudo de tôdas as doenças, achegando à censura velhos argumentos de velhas histórias, como a de Plutarco, que conta terem os egípcios repartido de tal sorte «as enfermidades e os médicos, que um médico não pudesse curar mais que só uma. De sorte que debaixo do género das febres um curava as agudas, outro a terça, outro a quarta, outro a diária, outro a ética, outro a tísica».

De feito, houve na antiguidade asiática extravagantes regras de sistema médico. Vêde aí a dos chinas arcaicos, que diziam conhecer 10.000 espécies de febres, 200 variedades de pulso, sujeição de cada víscera a uma côr, a uma estação, a um sabor, a uma planta, a um momento do dia, etc.

O Padre António Vieira prossegue na recomendação de se iluminar o médico com grande multidão de luzes de ciência, pois a Medicina é *ciência conjectural, que cura o que não vê*, enganando-se o discurso e até a experiência. E cita Hipócrates: *experimentum fallax*. Sim, na verdade o velho médico de Cós dissera, no seu primeiro aforismo, que a vida é curta e a arte longa, a ocasião fugitiva, a experiência enganosa (!).

Por isso, comenta Vieira :

— «Se eu houvesse de fazer o anel ao médico, o metal do círculo não havia de ser oiro, senão electro ;

---

(!) Hipócrates — *Aforismos*, I, 1. Ed. Littré.

e a pedra não havia de ser diamante, ou rubi, senão ametisto. Porque ambos estes simples teem virtude de adivinhar e descobrir o veneno, ou por suor, ou por outro efeito extraordinário de quem o tem no dedo, sendo o dedo anular o que tem maior correspondência com o coração».

As qualidades que devem exornar o bom médico são, na verdade, muitas e complexas. Elas hão-de fundir-se e compor-se de sorte que se veja o que se não vê. É ciência a modos de adivinhação, o de estabelecer-se um diagnóstico, mas adivinhação especada em ciência certa.

A união da ciência médica com a mágica seria o sistema preferível, no jeito dos *pagés* americanos, que o Padre cita, que eram médicos e feiticeiros ao mesmo tempo. O nosso prègador era lido na História Médica antiga e por isso aponta o fundo mágico nas velhas medicinas grega, hindu e egípcia. Estas, aliás, com as demais gaulesa e goda, azteca ou persa, nipónica ou hotentote.

Poderá parecer-nos pouco ortodoxo êste passo do sermão, mas o prègador ladeia o golfo, asseverando:

— «se o médico cristão duvidar, se em algum caso se poderá valer da arte mágica para adivinhar o que a sua não alcança: respondo que sim, se o instrumento fôr São Lucas».

Com São Lucas, médico peritíssimo e patrono generoso, tudo se obteria, até a graça de adivinhar os males dos enfermos. Ponto é que os médicos bebam naquela mesma taça de São Lucas que Vieira compara à de José, taça de poderes sagradamente ocultos, a permitirem a adivinhação das cousas que ficam fora da «jurisdição e esfera da vista». Bem andaram pois os escolápios portugueses ao escolherem São Lucas para seu patrono e orago:

— «não haja enfêrmo tão desconfiado da saúde, nem enfermidade tão incurável, que o médico por intercessão e graça de São Lucas, e São Lucas por meio dêle não cure: *Curate infirmos.*»

Agora, eis outra parcela do sermão donde a ironia do illustre Padre dardeja sôbre os médicos cobiçosos e lisonjeiros de doentes, quando estão à

cabeceira de enfermos de grande autoridade e respeito. É mais uma repetição que perdoareis:

— «Vistes já a um médico tomar o pulso ao enfermo, e arqueando as sobrançelas com gestos de admiração fazer o compasso com a cabeça aos golpes do mesmo pulso? Pois aqueles movimentos da cabeça do médico, diz o Nazianzeno, são os da balança, em que êle está pesando duas coisas: de uma parte a dificuldade da doença, e da outra o preço que lhe hão-de dar pela cura, e por isso a dificulta. Isto se entende dos médicos cobiçosos, que já refutei; o que agora digo e não louvo, é dos obsequiosos e respectivos. Quando a enfermidade é grave, e também grave o enfermo, o médico lisonjeiro e de pouco valor, está pesando, como em balança, a graveza da doença, e a gravidade da pessoa: para quê? Para temperar os medicamentos com tal brandura, que a doença se modere, e a pessoa de nenhum modo se moleste e agrave. Se isto é adular o gôsto, ou zelar a saúde, julguem-no os mesmos que são juízes dela».

Outra parte do sermão de São Lucas é atinente ao médico não estremar doentes ricos dos pobres, sem olhar às classes sociais, no tocante ao bom tratamento. Êste é o princípio máximo da Deontologia Médica de todos os tempos, de Hipócrates até hoje. Lá diz o nosso *Compromisso Deontológico* de 1939, que o médico tem o *dever de prestar solicitude, cuidados e atenções, a todos os doentes, seja qual fôr a sua categoria social ou a situação de fortuna.*

O prægador lembra que só a Medicina tem sujeitos e debaixo de seu império aos «reis», no dizer de Plínio antigo: — *Medicina una artium imperatoribus quoque imperat.* Assim como todos obedecem ao imperador e ao rei, assim «os imperadores e os reis obedecem ao médico», diz António Vieira.

«O médico — comenta o nosso Padre — não cura a púrpura, nem a coroa, senão o homem despido, e o corpo que em todos é do mesmo barro: e aonde o médico quis fazer distinção de barro a barro, ali se perdeu».

Por isso «os médicos devem ser como as enfermidades. Assim como as enfermidades não respeitam qualidades nem dignidades, assim o devem êles fazer,



A enfermidade não respeita qualidades, porque ainda que a nobreza se chame sangue, a enfermidade não se compõe ou descompõe dêste só humor, senão da discórdia de todos quatro. E não respeita dignidades, porque tão sujeito está à febre em palácio o rei, como o moço do monte, e em Roma o Papa, como o faquino».

¿Onde há, minhas Senhoras e meus Senhores, professor de Deontologia Profissional em Faculdade de Medicina que mais alto e distintamente tratasse êste pontoso assunto?

O Padre António Vieira recorda, como médico moderníssimo, que «a primeira coisa, diz Aristóteles, que se há-de considerar no enfêrmo, é o sujeito, mas não quem é, senão qual».

É conta de certas curas levadas a cabo por meios maravilhosos, como a da cama de rosas a el-rei D. Sebastião, mandada fazer como insigne remédio pelo insigne Tomás Rodrigues da Veiga; mais conta que os médicos chineses dão às doenças do Imperador os mesmos títulos do monarca:

— «E assim dizem os médicos: A muito alta e muito poderosa febre de vossa majestade, rainha sôbre todos os reis, e imperadora sôbre todos os imperadores, ou está mais remitida ou mais alterada».

Lembro o comentário de certo colega português àcerca dos termos de um boletim médico concernente à doença de um nosso rei do século XIX <sup>(1)</sup>:

— «Que diriam dos Medicos Portuguezes os Medicos Estrangeiros se entendessem os Buletins, que se publicaram na *Gazeta de Lisboa* de 6 de Março e seguintes sobre a doença e morte d'El-rei! E que dirá mesmo qualquer homem não-Medicó, quando ler o 1.º Buletim «*dos quaes (insultos nervosos) a beneficio dos remedios que se dignou tomar se acha melhor actualmente?*» — Pois que, Senhor Douctor Redactor, o tomar um Rei remedios é acto de *graça*, que se *dignasse* fazer?»

---

(1) *Carta àcerca dos boletins da última doença e morte d'el-rei D. João 6.º*, in «Archivos de Historia da Medicina Portuguesa», Pôrto, 1895.

### Minhas Senhoras e meus Senhores:

Quando António Vieira fala da criação da Medicina por Deus — *Altissimus de terra creavit medicinam* (1), logo aí pôs informações certas e seguras à roda de pontos que muito interessam aquela arte e aquela ciência.

A Providência plantara fora do Paraíso Terreal, na *redondeza da mesma terra*, a árvore da Medicina e logo nas «quatro partes do Mundo criou Deus para serviço e uso da medicina, vários antídotos, ou instrumentos medicinais, conforme as qualidades e enfermidades das mesmas terras».

Não deixa o nosso prêgador de mostrar bons conhecimentos de Matéria médica e Patologia exótica, quando diz:

— «Os Romanos nas suas conquistas queixavam-se de que entre as novas riquezas que de lá traziam, vinham também os contágios de novos géneros de doenças, com que parece que os conquistados se vingavam dos seus mortos, matando também dentro em Roma os seus mesmos conquistadores».

E quanto a Portugal, quanto à nunca assaz louvada emprêsa dos Descobrimentos e Conquistas de terras exóticas, com seus efeitos extraordinários no campo da Medicina, diz Vieira:

— «sendo el-rei D. Manuel o fundador ou amplificador dos hospitais de Lisboa, se dizia dêle que justamente fabricava os hospitais, quem com as suas conquistas acrescentara os enfermos. Mas nesta mesma experiência se vê e reconhece mais claramente o

---

(1) É muito curiosa a leitura da obra de Brás Luís de Abreu, intitulada *Portugal Medico ou Monarchia Medico-Lusitana*, etc., de 1726. Nesta, o autor paganiza de baixo até acima a Medicina, filha dilecta de Apolo, pai de Esculápio. Quando o deus grego manda a Mercúrio que congregue os seus devotos no Parnaso, diz-lhe claramente, aludindo à Medicina: — *Preclarissima Arte de q. fui Inventor...* O pagão Brás Luíz não escutaria serenamente a argumentação de Padre António Vieira (Vd. Luís de Pina — *Aspectos da vida médica portuguesa nos séculos XVII e XVIII*, in «Medicina», Lisboa, 1938, e *Medicina reformata*, in «O Comércio do Pôrto», de 3 de Junho e 2 de Novembro de 1938).

altíssimo conselho da Providência Divina, pois são muitos mais os novos e exquisitos remédios, que das mesmas conquistas se descobriram, ainda contra as antigas enfermidades, do que requerem as novas».

Que o digam, entre outros, o grande patologista e farmacólogo exótico Garcia de Orta e o nosso Cris-tóvão da Costa, para não alistar no rol tantos outros, médicos e não médicos, que assazmente escreveram àcerca da matéria.

Padre António Vieira, a seguir, enumera em ementa copiosa os elementos naturais que a Farmácia colhe da Terra, por generosa fábrica de Deus, remédios dos reinos vegetal, mineral e animal. Pode lá passar-se daqui sem ler-vos um admirável trecho de tão sábio Padre:

— «Dos lôdos mais profundos recebe os tributos das pérolas e aljôfares: das areias limosas o misterioso coral, que primeiro é vime verde e brando, e logo pedra vermelha e dura: até da fúria das tempestades, ou da fome das baleias, os sobejos odoríferos do âmbar, que estas arrancam, e aquelas lançam às praias. De raízes assim regadas, cresce e se engrossa o tronco de tôda a famosa árvore, formada de todos os lenhos medicinais que criam os vizinhos e remotos climas; dos quais, ou abertos os poros com o calor do sol, se destilam em suores, ou feridos mais interiormente nas veias, correm como sangue os bálsamos e as mirras: e estas pelo parentesco que têm de humores, ou restringindo, ou relaxando (como no instrumento as cordas) os reduzem fâcilmente à natural harmonia».

O trecho de Vieira encerra informações sôbre a Farmacologia ou Matéria médica do tempo, em que não faltam as pedras preciosas, as fontes de águas minerais, a água do mar, os animais de onde se extraíam princípios curadores, como a teriaga, a que a víbora dava preciosa contribuição.

E a propósito dos animais na Medicina, não se esqueceu o Padre de mencionar remédios ou processos terapêuticos, que os bichos ensinaram aos homens: a pomba, quanto ao loureiro; o veado, quanto ao *dictamo*; a andorinha, quanto à quelidónia. E a estas poderíamos juntar a cegonha e a íbis quanto ao clister,

o hipopótamo quanto à sangria ou escarificação (1); etc., etc.

Por fim, trata o sermão dos prognósticos que os médicos ditam e em que tão vulgar é o êrro. Recomenda o prègador que não haja razões para que se não desengane ao doente gravíssimo a fim de cuidar da alma na hora de despenar-se desta vida. Isto para *que acabem bem os enfermos*.

¿*E para que acabem bem os médicos, falta alguma cousa?* — inquiria do púlpito, em dia da festa de São Lucas, o alto prègador.

Comentava a seguir: — «Como andam sempre com a morte entre as mãos, ou entre os dedos, pode acontecer que lhe tenham perdido o mêdo. Mas para què seja com confiança da vida, que há-de durar para sempre, lembrem-se daquele provérbio: *Medice, cura te ipsum*: assim como curam os outros, não se esqueçam de se curar a si».

E Padre António Vieira proclamava aos médicos que se achegassem bem a São Lucas e tratassem de si. «Nenhum médico seja tão descuidado, que curando aos outros, se não cure a si: *Medice, cura te ipsum*».

Assim cerra Vieira o sermão do Evangelista, nosso patrono e orago.

Bom é seu conselho, ontem, hoje e para sempre. Curemo-nos também a nós próprios, os médicos. De mim, farei tudo o que puder, obediente ao Padre, mestre de educação e psicólogo fino, por isso mesmo.

Farei tudo o que puder. O que já não posso é curar-me do mal que fiz em vir aqui esta noite. Mau foi para vós todos e muito mais para mim. Convo-co, ficará apenas o tédio de três quartos de hora mal passados; comigo, o remorso de vo-lo ter dado, o que é bem pior.

*Medice cura te ipsum.*

(1) Tradições lendárias da História Médica.







RÓ  
MU  
LO



\*1329682833\*

CENTRO CIÊNCIA VIVA  
UNIVERSIDADE COIMBRA

